



SAINT SEIYA: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA DAS MASCULINIDADES

Interculturalidade e Diversidade nas Ações Educacionais

Camila da Cruz¹

RESUMO

O presente trabalho constitui uma proposta ainda em construção, a qual visa em seu fim produzir material de apoio para que professores possam trabalhar a temática “masculinidades” em sala de aula a partir da animação *Saint Seiya*. Nesse primeiro momento apresentaremos nossa ideia, passando pelos conceitos de gênero e masculinidade hegemônica, os relacionando com a realidade escolar e o bullying entre garotos. Por fim, faremos alguns apontamentos sobre a animação e sobre como podemos a utilizar.

Palavras-chave: *Saint Seiya*; animação japonesa; gênero; masculinidades hegemônicas.

INTRODUÇÃO

Texto Os Cavaleiros do Zodíaco é uma série japonesa de mangá e animê escrito e ilustrado por Masami Kurumada. Foi publicada originalmente na revista *Weekly Shōnen Jump* de dezembro de 1985 a dezembro de 1990 e adaptada para animê pela *Toei Animation* de 1986 a 1989. No Brasil, a série foi exibida de 1994 a 1997 pela Rede Manchete e reprisada várias vezes pelo Cartoon Network a partir de 2003 e pela Rede Bandeirantes a partir de 2004.

Considerando a grande audiência deste produto entre crianças e adolescentes brasileiros, a qual pode ser atestada pelas frequentes reprises da animação, nos propomos a utilizar episódios, trechos e personagens da série para discussão dos alunos como ferramenta pedagógica. A intenção é fomentar reflexões acerca de questões sobre gênero e masculinidades, explorando o distanciamento dos estudantes em relação à cultura de origem do material, que proporciona um exercício de alteridade. Dar aos alunos a oportunidade de refletir sobre a construção da masculinidade e a questionar concepções essencialistas e universalizantes sobre gênero e masculinidades, repensando seus padrões pré-concebidos, na medida em que conhecem padrões de gênero que lhes são estranhos. Tal iniciativa se justifica na necessidade de fazer os educandos refletirem sobre os ideais de masculinidades

¹ Graduanda, Universidade Federal de Santa Maria – milacita6@gmail.com



hegemônicos em sua sociedade com o qual convivem, questionando como estes reproduzem desigualdades diversas. Nossa proposta visa contribuir para uma formação igualitária e democrática, detangenciando questões como homofobia, e bullying escolar, - problemáticas que se fazem presente na maioria das escolas brasileiras e que precisam ser combatidas.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÃO)

Gênero, masculinidades e o contexto escolar

Pensaremos gênero e masculinidades a partir, principalmente dos trabalhos da socióloga australiana Raewyn Connell. De acordo com sua proposta, devemos negar a visão de que gênero é uma diferença cultural entre homens e mulheres, a qual teria como base a divisão biológica de machos e fêmeas

Gênero seria uma estrutura dentro das relações sociais, não sendo mera expressão da biologia, tampouco esquematizando um traço fixo ou permanente do caráter humano. Connell e Pearse ainda ressaltam, “[...] o gênero, como outras estruturas sociais, é multidimensional. Não diz respeito apenas à identidade, nem apenas ao trabalho, nem apenas ao poder, nem apenas à sexualidade, mas a tudo isso ao mesmo tempo” (2015, p.49). Sua fluidez é inevitável, como um padrão de práticas e atividades altamente mutáveis.

Compreendendo gênero enquanto uma relação, a qual se estabelece entre homens e mulher, mas também no interior dessas categorias – o que nos leva a concluir que existem diversas maneiras de “ser homem” e “ser mulher” – exploraremos outro importante conceito cunhado por Connell, o de masculinidade hegemônica.

O termo “hegemonia”, emprestado de Gramsci, não designa a masculinidade da maioria dos homens, e sim aquela soberana na sociedade. Diferencia-se da noção de dominação por não fazer uso, necessariamente, da força bruta. Uma



hegemonia de fato efetivada depende de certo consenso ou participação dos grupos subalternos (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013).

A masculinidade hegemônica não se assume normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais horrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013, p.245).

Se estamos falando de uma masculinidade hegemônica, é necessário descrever as masculinidades não hegemônicas, as quais podem tanto caminhar a reboque da primeira, quanto negociarem com ela ou a questionarem. É o caso das masculinidades cúmplices, que não exercem uma hegemonia, mas também não a questionam, ou das masculinidades subordinadas, que são violadas ou marginalizadas em função das formas hegemônicas de masculinidade.

De maneira geral, embora os homens se beneficiem das desigualdades da ordem de gênero (que sobrepõe o masculino ao feminino), esses benefícios não são concedidos à todos os homens de maneira uniforme. “Meninos e homens que desafiam as noções dominantes sobre masculinidade por serem gays, afeminados ou considerados fracos são, às vezes, alvo de violência.” (CONNEL & PEARSE, 2015, p.42). Questões como classe social, cor da pele ou etnia, também afetam os benefícios concedidos a diferentes grupos de homens. E mesmo os homens que parecem estar de acordo com as definições dominantes de masculinidade também podem pagar o preço por isso, especialmente quando consideramos os números entorno de questões como mortes violentas de homens causadas por outros homens, acidentes de trabalho graves ou fatais por falta de segurança nos setores industriais mais perigosos, onde os homens são os principais funcionários, expectativa de vida mais baixa e afins.

É muito importante deixar claro que esses não se tratam de padrões fixos e atemporais. Muito pelo contrário, o jogo entre masculinidades é absolutamente dinâmico. Relações de gênero são sempre arenas de tensão. Um dado padrão de masculinidade é hegemônico enquanto fornece uma solução a essas tensões. Um padrão de práticas (isto é, uma versão de masculinidade) que forneceu soluções em



condições anteriores, mas não em novas situações, é aberto ao questionamento – ele, de fato, será contestado. Masculinidades diversas convivem há um mesmo tempo em um mesmo espaço, esse espaço pode ser compreendido como de nicho, local, regional e afins. Culturas diferentes produzem masculinidades diferentes em contextos diferentes.

Estudos na área da educação usaram e usam o conceito de masculinidade hegemônica para compreender as dinâmicas da vida em sala de aula, incluindo os padrões de resistência e *bullying* entre meninos. O espanhol Matías de Stéfano Barbero explora essa perspectiva em seu artigo *Hacerse hombre en el aula: masculinidad, homofobia y acoso escolar* (Cadernos Pagu, 2017), no qual a partir da análise de dados produzidos no âmbito da pesquisa *Diversidad sexual y convivencia*, realizada entre 2013 e 2014 em alguns centros educacionais espanhóis, reflete sobre o papel desempenhado pela homofobia, na construção, reprodução e controle da masculinidade entre os adolescentes.

Nos dados levantados por Barbero, garotos ridicularizam e insultam suas colegas garotas, mas os insultos são ainda mais frequentes quando direcionados a outros garotos. Além disso, meninas sofrem menos *bullying* do que os meninos, também o cometem em uma extensão significativamente menor. Meninas também são mais dadas a buscar ajuda junto à família e amigos quando se tornam vítimas de tal violência. Quando questionadas sobre sua opinião quanto ao *bullying*, garotas tenderam a dar opiniões mais enfáticas quanto à gravidade do tema, como algo a ser combatido, enquanto um número elevado de garotos trataram o tema com normalidade, como algo corriqueiro e inevitável.

Michele Ziegler de Mattos e Angelita Alice Jaeger, apresentam observações semelhantes no artigo “*Bullying e as relações de gênero presentes na escola*” (2015), no qual explanam dados obtidos através de um estudo realizado em uma pequena escola de preferia de Santa Maria-RS.

As diferenças e peculiaridades nos modos de agir e reagir de meninos e meninas em situações de *bullying* são efeitos do processo de generificação dos corpos, cujas inscrições são produzidas em diferentes instâncias sociais, entre elas, a escola. De acordo com ambos os trabalhos, de Barbero e de Mattos & Jaeger, os garotos tendem a não questionar a ordem do *bullying*, pois isso pode vir a ferir sua



masculinidade, seja a masculinidade do agressor, seja a da vítima, ambas colocadas em xeque nesse “jogo de homens”.

Ao fim, concordamos com Barbero na afirmativa de que:

Introduzir conteúdos transversais em sala de aula com uma perspectiva de gênero e, especificamente, com uma perspectiva crítica sobre masculinidades que incluam diversidade sexual, familiar e de identidade de gênero, pode ajudar a reduzir a violência em ambientes educacionais, mas também tornar visíveis e acessíveis formas alternativas de ser e tornar-se homem, para transformar gradualmente as normas, valores e comportamentos que mediam as relações entre os homens, suas relações com as mulheres, as crianças e com toda a sociedade e o meio ambiente.(BARBERO, 2015, p.25 – tradução nossa).

É nesse sentido que nos propomos a fazer uso da animação nipônica *Saint Seiya*, enquanto um instrumento pedagógico, para a inserção do debate em torno das masculinidades.

Saint Seiya: possibilidades pedagógicas

Para iniciar, é interessante colocar Cavaleiros do Zodíaco enquanto membro de um determinado gênero: o *shonen*. O foco dos mangás e animês *shonen*, estilo japonês de história direcionada a um público masculino pré-adolescente e adolescente, está, como ressalta Venancio (2012), na ordem do high action, que mistura lutas, comicidade e apelo sexual leve, enquanto uma analogia da formação do jovem dentro da sociedade.

Lançado em 1985 em uma revista japonesa especializada e consagrada no ramo dos mangás *shonen* – a *Weekly Shōnen Jump*, onde foram publicados outros sucessos mundiais como *Naruto*, *Dragon Ball*, *One Piece*, entre outros – Cavaleiros do Zodíaco já estava na televisão japonesa enquanto animê, produzido pela Toei, em outubro de 1986. Ideia original de Masami Kurumada no mangá tanto no traço como na narração, o anime é, de certa forma, uma adaptação fiel, mas possui marcas de escritura decisivas proporcionadas pelo roteiro de Takao Koyama e da equipe de direção chefiada por Kozo Morishita (VENANCIO, 2012).

A animação, como muitas outras do tipo *shonen*, tenta utilizar a identificação psíquica com os jovens, por exemplo, os protagonistas, apesar de terem um corpo musculoso e desenvolvido, possuem idade oficial de 14 e 15 anos, tal como a média



de idade da audiência-alvo. Com isso, as lutas e a violência que se tornam patentes na mídia *shonen* representam como o adolescente lida, dia-a-dia, com o seu amadurecimento e as batalhas para ter um lugar no mundo (VENANCIO, 2012). O animê mostra situações-limite que os cavaleiros vivem, envolvendo temáticas como amizade, camaradagem, morte de pais, traição, ética, atração sexual, compromisso social, destino; questões que também permeiam a vida ordinária do telespectador.

Como já dito em nossa introdução, a série conta a história de guerreiros místicos chamados "Cavaleiros" ("Saints") que lutam vestindo "Armaduras" ("Cloths") sagradas baseadas nas diversas constelações e mitologias. Os Cavaleiros que protagonizam a animação têm como missão defender a reencarnação da deusa grega Athena em sua batalha contra outros deuses do Olimpo, ou de outras mitologias que pretendem dominar a Terra. Animação conta com 114 episódios, produzidos entre 1986 e 1989, divididos em três grandes sagas :a longa Saga Santuário, que vai do episódio 01 ao 73, e engloba os arcos "A Guerra Galáctica", "Os cavaleiros negros", "Forças Ocultas no Santuário", "Os Cavaleiros de Prata" "Os Cavaleiros de Ouro" e "A Grande Batalha das Doze Casas"; a Saga de Asgard , episódios 74 ao 99 e Saga de Poseidon, episódios 100 ao 114.

O enredo da série gira entorno de cinco jovens cavaleiros: Seiya , cavaleiro de Pégaso, Ikki de Fênix, Shun protegido pela constelação de Andrômeda, Hyoga de Cisne e Shiru de Dragão, além da reencarnação da deusa Athena, Saori Kido. Seiya é o principal protagonista e o "líder" desses cavaleiros.

Em sua dissertação de mestrado, Irmo Wagner (2008) afirma que em questão de masculinidades o animê faz circular significados e representações plurais, enquanto um agente da construção da masculinidade de seu público, Cavaleiros do Zodíaco abre um grande leque de configurações masculinas.

Indo de propostas de masculinidades menos desejáveis ao público, encarnadas pelos vilões da animação, até masculinidades adultas e exemplares, representadas pelos mestres dos cavaleiros, homens poderosos, sábios e gentis que ensinam tanto nas artes da guerra quanto da vida, passando, é claro, pelas masculinidades ainda em construção de seus protagonistas adolescentes. Cada um



desses cinco principais cavaleiros tem personalidades e características próprias e ao longo da animação nas mais diversas relações, vão construindo maneiras próprias e honradas de “ser homem”. Nossa intenção é pensarmos esses cinco personagens, e alguns outros, dentro das perspectivas de masculinidades plurais, no entanto, daremos um pouco mais de atenção aos personagens de traço *bishounen* – expressão que significa literalmente “garoto bonito”, e remete tanto à um subgênero de animação *shoujo* (voltada para o público feminino) quanto um traçado de desenho e animação –, especialmente o Cavaleiro de Andrômeda, Shun. Shun é representado como um cavaleiro forte e elegante, ele como os outros protagonistas sobreviveu a treinamento incansável e conquistou sua armadura com honras, no entanto ele apresenta uma sensibilidade diferente do restante de seus companheiros. Para os guerreiros de Athena, a batalha é uma paixão, eles lutam mesmo quando não há perigo, o fazem porque veem prazer em batalhar e em testar a si mesmos, Shun por outro lado, não gosta de lutar, embora seja muito bom nisso, o faz apenas porque acredita que é seu dever.

No episódio 6, vemos Shun na arena do coliseu prestes a enfrentar o cavaleiro de unicórnio, Jabu, nesse momento os telespectadores podem ouvir seus pensamentos, nos quais ele afirma estar no torneio apenas para reencontrar seu irmão; questiona a razão daquela luta, tentando evitá-la. Jabu o ataca e ele apenas se defende usando correntes que fazem parte de sua armadura. Durante a luta surge Ikki de Fênix, o irmão de Shun, rodeado de cavaleiros negros, que é agora um personagem malvado. Ikki voltou para se vingar e ameaçar de morte os cavaleiros, inclusive seu irmão, mas Shun ainda acredita na bondade dele.

Shun também é um homem gentil e piedoso, nos episódios seguintes, 7 e 8, o veremos poupando a vida de alguns dos cavaleiros negros, antagonistas do primeiro arco do animê, tal preocupação não passa na mente dos outros cavaleiros. Shun também é muito dedicado a seus companheiros, no episódio 59, ele usa quase todo seu cosmo para salvar a vida de Hyoga, que estava morrendo por congelamento. Shun aquece Hyoga com o próprio corpo e ao doar uma quantidade muito grande de seu cosmo, sua força vital, desmaia.

Ainda de acordo com Wagner, a caracterização de Shun parece produzir sentido que o posiciona como masculinidade desviante. Suas roupas são rosa, cor



definida como feminina, seu rosto e tipo físico se aproxima mais das personagens femininas da animação do que dos personagens masculinos. As características físicas de Shun, bem como sua personalidade (dada ao cuidado com o outro, com o pacifismo e aversão a violência) provavelmente o colocariam em desvantagem no “jogo das masculinidades”, pois do nosso ponto de vista parecem um desvio daquilo que é hegemônico.

No entanto, em alguns episódios da série ele é aclamado por sua beleza, como acontece no episódio 6, quando a plateia feminina do Torneio galáctico lhe grita: “Você está lindo, Andrômeda!” “Você é o mais gato!” “Eu te amo, Andrômeda!”. Assim, é válido pensar que Shun, em sua aparência “andrógina”, - androgina de acordo com os padrões de beleza ocidentais – é dotado de uma masculinidade desejável, ao menos ao público feminino, representado na animação. Assim, como ressalta Giovana Santana Carlos (2010) são comuns enredos onde os protagonistas masculinos têm feições femininas – principalmente nas animações voltadas ao público feminino (*shoujo*), como *Sailor Moon* e *Sakura Card Captors*, mas não somente –, além de membros de bandas musicais japonesas, atores e outros famosos apresentarem características comportamentais e vestimentas para nós tidas como não-masculinas.

Ao contrário do que se pode pensar em primeiro momento, não acreditamos que Shun seja representante de um modelo de masculinidade desviante ou subalterna.

Olhar questões como masculinidade e feminilidade em um produto cultural nipônico, como *Saint Seiya*, em um viés do que é tradicionalmente entendido como masculino e feminino no contexto ocidental, ou mais especificamente brasileiro, é como já apontado por Yoko Sugihara e Emiko Katsurada nos seus trabalhos *Masculinity and Femininity in Japanese Culture: A Pilot Study (1999)* e *Gender-Role Personality Traits In Japanese Culture (2000)*, um grande equívoco, uma vez que desconsidera o meio de produção e de consumo de tal produto, bem como o contexto cultural que se insere.

Personagens como Shun constituem um modelo de masculinidade muito querido ao mercado da animação japonesa, não só nos trabalhos voltados para público feminino, mas também para o público masculino. (o que pode ser notado em



sua recorrência.). Vale ressaltar que a sociedade japonesa é como referido por Sugihara e Katsurada, é de viés masculino, sendo as mulheres culturalmente vistas como submissas aos homens, mesmo que exista esse um “outro modo de ser homem”, ele não deixa de corroborar para manutenção dos privilégios masculinos.

Esse modelo de masculinidade *Bishounen*, expressa em Cavaleiros do Zodíaco por Shun, e por outros personagens como os cavaleiros Shaka de Virgem, Mu de Aries e Afrodite de Peixes, é um exemplo que pode ser pensado e levado para a reflexão com os educandos.

CONCLUSÃO

Pensar a partir da diferença e da alteridade (Miskolci, R., 2014), pode ser um caminho para a desconstrução de ideais arraigados e, como são alguns que caracterizam o “jogo das masculinidades”, que enquanto um dos agentes do fenômeno bullying faz centenas de vítimas todos os anos. A partir da pesquisa em andamento, um texto discutindo questões teóricas e conceituais da temática das masculinidades deve ser elaborado, bem como planos de aula que guiarão os professores no uso de alguns episódios, trechos e personagens. Também está em pleito a montagem de um vídeo didático que, reunindo trechos, imagens e discussão teórica, pode complementar ou substituir a exibição de episódios da série em sala de aula, se assim o/a professor/a desejar.

Nosso intento é levar os alunos a refletirem sobre esse modelo exógeno de masculinidade. Em um primeiro momento exporíamos as linhas gerais da animação para eles, bem como os personagens e em subentendido suas maneiras de “ser homem”, com um enfoque especial à Shun, permitindo que a princípio os alunos tirem suas próprias conclusões, para depois os levar as observações sobre como a construção das masculinidades se dá de diferentes modos em diferentes contextos, lhes dando a oportunidade de refletirem sobre como as masculinidades estão se construindo ao redor deles.



REFERÊNCIAS

BARBERO, Matías de Stéfano. Hacerse hombre en el aula: masculinidad, homofobia y acoso escolar*. **Cadernos Pagu**, [s.l.], n. 50, s/p, 28 set. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700500014>.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, p.241-282, jan./abr. 2013.

MATTOS, Michele Ziegler de; JAEGER, Angelita Alice. Bullying e as relações de gênero presentes na escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p.349-361, abr./maio 2015.

MISKOLCI, Richard; LEITE JUNIOR, Jorge (Orgs.). **Diferenças na eseducação**: Outros aprendizados. São Carlos: Edufscar, 2014.

SATO, Cristiane A. A cultura popular japonesa: animê. In: LUYTEN, Sônia Bibe. **Cultura pop japonesa – mangá e animê**. São Paulo: Hedra, 2005, p. 27-42.

SUGIHARA, Yoko; KATSURADA, Emiko. Gender-Role Personality Traits In Japanese Culture. **Psychology Of Women Quarterly**, Cambridge University, v. 24, p.309-318, 2000.

SUGIHARA, Yoko; KATSURADA, Emiko. Masculinity and Femininity in Japanese Culture: A Pilot Study. **Sex Roles**, United States, v. 20, p.635-646, 1999.

VENANCIO, Rafael Duarte Oliveira. Lógica do Fantasma e o super-herói: Cavaleiros do Zodíaco e a questão do Outro na Linguagem. **Culturas Midiáticas**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, v. 5, p.1-22, jul./dez. 2012.

WAGNER, Irmo. **Educação em animês: aprendendo sobre masculinidades com Os Cavaleiros do Zodíaco**. 2008. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Ulbra, Canoas, 2008.